

Adolescência, a idade da potência

Singularidade, coragem
e intuição futurista

Evânia Reichert

ADOLESCÊNCIA, A IDADE DA POTÊNCIA
Singularidade, coragem e intuição futurista
Copyright © 2026 by Evânia Reichert
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial Ltda.

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Revisão: **Beatriz S. Braga Rodrigues**
Foto de capa: **João Ricardo Silva**
Capa: **Ediciones La Llave**
Modelos: **Ana Laura Borges Petersohn,**
Naomi Yonekawa Zucatti e Arthur Fleck Flores
Projeto gráfico: **Crayon Editorial**
Diagramação: **Natalia Aranda**

Summus Editorial

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

13 __ Prefácio 1

17 __ Prefácio 2

21 __ Introdução

31 __ A idade da potência

53 __ Identidade em construção

95 __ Um novo deus virtual

129 __ Sexualidades e gêneros

151 __ Sonhar a adolescência

165 __ A delicada pele do futuro

183 __ Referências

Prefácio 1

Estou sorrindo ao começar este texto. Acredito na função política do sorriso como um ato resistente de encantamento pela vida. Mas o meu sorriso aqui tem também outra gênese: a alegria de poder prefaciá-lo como este, escrito por Evânia, uma das grandes terapeutas de nosso tempo. Sorrio porque sei que, num futuro breve, verei este livro como uma referência na leitura única que ele faz da adolescência — como já é a trajetória consolidada de *Infância, a idade sagrada*.

Quando tive a oportunidade de ler *Infância*, era terapeuta familiar havia anos. E entendi como uma terapeuta experiente potencializa sua história trazendo à palavra a condensação daquilo que sua visão de mundo quer dizer. Evânia fez ali uma amálgama muito particular daquilo que nos ensina a viver no contato com as infâncias.

O livro que você tem agora em mãos não entende a adolescência apenas como o seguimento da infância na linha do tempo. Prepare-se para desconstruir muito do que você entendeu sobre essa fase da vida. Inclusive para a possibilidade de retirar da palavra “fase” o significado de algo que “termina porque é hora de finalmente virar adulto”.

Evânia evidencia a grandeza de sua alma ao convidar-nos todos para uma festa de celebração da adolescência em nós. E com isso eu não poderia ser mais afim, por sempre ter me irritado profundamente com o neologismo

reacionário “aborrescente”. Aqui há o estímulo forte para que nossa forma nefasta de receber as adolescências seja transmutada para uma percepção apreciativa, criativa, inovadora na definição e naquilo que produz em vida.

Adolescente, para Evânia, é um estado de espírito, uma força pulsional que nos reinventa — como o tempo que circula em espiral —, dando-nos a oportunidade de recomeçar. A adolescência é uma força que vale a pena trazer para dentro, para perto, criando intimidade e diálogo com as outras idades que nos integram, em suas virtudes e vícios (palavras dela que compõem o subtítulo de *Infância*). Quanto mais conseguirmos conversar com a imensidão adolescente, com toda a força que a sociedade e a cultura opressivas não deixam emergir, mais teremos potência para viver várias vidas em uma, reinventando o panorama presente, trazendo sonhos de volta para dançar.

O livro não é somente uma festa. Ele celebra a potência com ênfase porque nós, os que contamos histórias sobre os adolescentes, andamos fazendo demais o fluxo narrativo contrário. São demais os perigos desta vida, já nos alertava Vinicius de Moraes, e é consciente deles que Evânia desenvolve seu texto. Como terapeuta profundamente conectada às dores de existir neste tempo sócio-histórico, ela sugere questões e aponta caminhos para debater a relação dopaminérgica na busca de prazeres e riscos (tais como no uso de substâncias, exposição a riscos em acidentes e vícios virtuais). Alerta-nos para a fluidez identitária que as novas gerações vêm experimentando, que não pode nos encontrar em rigidez retrógrada e retróptica — lembrando aqui a ideia de Zygmunt Bauman sobre essa utopia voltada para o passado que tem marcado os sonhos de quem se desespera com os desvãos da contemporaneidade.

Eu sugiro que você, eu, todos nós, aprendizes de Evânia Reichert neste livro, possamos lê-lo em uma dupla aventura perceptiva. O conteúdo, evidentemente, saltará aos olhos por sua abordagem, que integra tantos saberes, autores e ideias, ligando-se às da própria autora. Seu texto nos empodera para desencastelar visões obtusas e abraçar a potência soterrada pelos preconceitos sociais opressivos.

Mas, além do conteúdo fabuloso, eu penso na forma como a autora escreveu este livro. A forma é um chamamento em si: uma combinação harmôni-

ca de rigor na pesquisa bibliográfica, cientificidade sofisticada em fontes de vários saberes e afeto humano mais genuíno no intertexto. Entre cada palavra consigo ver o amor à vida e ao humano que é tão inequívoco em Evânia.

O fato de ela ter se dado a tanta pesquisa, por tanto tempo, para ofertar-nos este texto tem uma mensagem clara, e podemos escutá-la sendo dita a nós, adultos de qualquer idade: é urgente que nos desvencilhemos dos conceitos equivocados sobre a adolescência, mas não se trata de um processo intuitivo. Como todo movimento contracultural, exige estudo, tempo de integração das novas percepções e um tanto de caminhar errático em nós, assumindo que não mudaremos imediatamente de cosmovisão.

O esforço delicado da autora de estudar, reunir saberes, organizar uma fala concisa e enunciá-la passa a ser, agora, o nosso: aos poucos, no tempo da delicadeza, com a força impetuosa da adolescência que precisamos resgatar em nós mesmos, podemos ir fazendo, num gerúndio que não tem pressa, a transmutação do nosso mundo interno, da nossa relação com os adolescentes e da narrativa que ofertaremos à sociedade sobre como eles podem ser o motor do mundo novo que nos custa tanto inventar, refundar e sustentar.

Obrigado, Evânia, por ter me convidado para essa transformação interna e pela honra maiúscula de ter escrito o prefácio deste livro imprescindível para o nosso tempo e os que o sucederão.

ALEXANDRE COIMBRA AMARAL

Psicólogo e escritor

Prefácio 2

Considero que este novo livro de Evânia Reichert é uma continuação do seu primoroso livro *Infância, a idade sagrada*.

Nos conhecemos há anos e sempre compartilhamos a necessidade de divulgar conhecimento sobre a organização de atmosferas ecológicas e saudáveis nos espaços que acompanham o desenvolvimento maturativo, para gerar estruturas de personalidade em contato com sua essência e, portanto, com as necessidades e os valores próprios do mamífero-ser humano — com todas as consequências sociais que isso pode ter em uma sociedade que perdeu esses referenciais e se move por dinâmicas injustas, baseadas no poder e na violência.

Embora o período infantil seja aquele que marca as predisposições mais importantes da nossa realidade adulta, é na adolescência que essas predisposições se articulam. E, por isso mesmo, trata-se de um momento no qual ainda é possível compensar experiências infantis difíceis e, ao mesmo tempo, satisfazer as necessidades vitais dessa fase. Por isso, o título *Adolescência, a idade da potência* é extremamente significativo.

Escrita com clareza, simplicidade e rigor — qualidades que caracterizam o estilo da autora —, esta obra é indispensável para compreender aspectos essenciais da adolescência que raramente são abordados nos textos especializados. Por isso, é de grande utilidade para todas as pessoas, pois, ao

contrário da infância, mais vinculada ao mundo da intimidade, a adolescência está interconectada com todas as esferas sociais — e, portanto, recebe influência do meio familiar, escolar, grupal, lúdico, esportivo, social, laboral, político e dos meios de comunicação.

Trata-se, por isso, de uma idade turbulenta, que muitas vezes parece estranha tanto para os adultos quanto para os próprios adolescentes. Em muito pouco tempo, aquela figura infantil com a qual convivemos passa por transformações biológicas, físicas e comportamentais tão intensas que, por vezes, temos a impressão de que foi abduzida por esse novo ser. Aos poucos nos acostumamos com as mudanças físicas, mas as atitudes e formas de se relacionar — ou de não se relacionar — são mais difíceis de lidar, gerando tensões, conflitos e, muitas vezes, cenas marcadas por violência e rejeição por parte do mundo adulto, que recorre a rótulos de caráter social ou psicopatológico para justificar sua postura. Atitudes que, certa vez, defini como “Síndrome de Frankenstein”.

No momento em que mais precisamos daqueles que nos “criaram” para nos acompanhar em nossa crise adolescente, mais sentimos sua surpresa e repressão, o que, em muitos casos, intensifica nossos comportamentos anômalos. Isso, por sua vez, gera rejeição — e até violência — por parte de nossos “criadores” (pais e educadores), fazendo que nos sintamos desconhecidos, até mesmo “banidos”, sozinhos, tomados por impulsos destrutivos ou autodestrutivos que se manifestam em atitudes “monstruosas”. Situações que lembram o que Mary Shelley descreve em sua famosa obra: “Não te reconheço... És um monstro”.

Recordar nossa adolescência, bem como compreender os processos internos e a lógica subjacente aos comportamentos adolescentes — por mais chocantes ou perturbadores que possam ser — é essencial para mantermos nossa presença e para que os jovens se sintam acompanhados em uma fase da vida em que precisam forjar sua identidade e seu espaço pessoal e social, com toda a força e potência que os impulsionam às experiências mais diversas e, muitas vezes, arriscadas.

Dessa forma, o processo de metamorfose, em vez de gerar “monstros”, permitirá o surgimento de seres humanos com autonomia e vitalidade próprias.

Acompanhar esses processos não é nada fácil — ainda mais quando sabemos que não existe uma única adolescência e, portanto, não há um modelo único de atuação. Cada pessoa enfrenta esse período da vida de maneira particular, conforme a cultura em que vive, as experiências desde a vida intrauterina e as relações estabelecidas ao longo do tempo — tudo isso influencia o processo de desenvolvimento da estrutura da personalidade, que vai se articulando ao longo da ontogênese, culminando no final da adolescência.

Devemos também ter muito presente que, na sociedade atual, a influência do social nesse período vital tem mais peso do que o habitual, pois o fluxo incontrolável de informação ao qual os adolescentes têm acesso pelas redes sociais é permanente e interminável, impactando diretamente os sistemas cognitivos, que ainda estão em fase de organização. Estar presente nesse espaço virtual é um grande desafio.

Nesse sentido, quem acompanha adolescentes no campo educacional enfrenta o grande desafio de contrastar a desinformação com informações confiáveis, acessíveis e documentadas. É fundamental gerar espaços lúdicos e criativos que ajudem a focar a atenção, reduzindo a dependência ansiosa das redes, e também espaços de calma, interiorização e integração, que neutralizem o que Umberto Eco chamou de “ruído mental”, causado pela saturação cognitiva que a conexão virtual permanente provoca.

Estudos recentes sobre as consequências do isolamento vivenciado durante a pandemia da covid-19 demonstram que os adolescentes foram um dos grupos mais prejudicados, com aumento significativo de distúrbios alimentares e suicídios, entre outros. Isso reforça a importância de um acompanhamento tolerante e respeitoso, ao mesmo tempo que exige colaboração entre pais, profissionais da saúde, da educação, agentes políticos e sociais para enfrentarmos esses desafios sociais de forma mais funcional e eficaz, com base na compreensão e na cooperação.

Para isso, precisamos de referências atuais, sérias e acessíveis. É por isso que livros como o de Evânia são tão valiosos: eles nos servem de guia nessa tarefa essencial e árdua, onde luz e sombra se alternam, como o dia e a noite.

XAVIER SERRANO HORTELANO

Psicólogo e diretor da Escola Espanhola de Psicoterapia Reichiana (Es.Te.r)

Introdução

O poder renovador da adolescência, a intuição futurista e a troca de pele do mundo

Como em uma jornada mítica, quando entramos na adolescência, trocamos de pele. Uma verdadeira metamorfose transforma nossos hormônios, nossos ritmos, nosso humor. A plasticidade cerebral passa por mudanças tão profundas e rápidas que se torna difícil saber ao certo quem éramos antes e quem somos agora. Sem respostas claras, sabemos apenas que somos adolescentes. E que a pele da infância está caindo, dia após dia, deixando à mostra a nossa beleza, o nosso viço, mas também os nossos conflitos e a nossa vulnerabilidade.

Chegamos, enfim, à *idade da potência*. Vontade de crescer, de ultrapassar limites e descobrir quem somos. Sentimos que a vitalidade pulsa em nossas veias, no brilho do olhar, na forma como agora vemos, pensamos e sentimos o mundo. Nessa idade, a vida como um todo entra em questionamento. É o momento em que abrimos o livro da nossa infância e revisamos cada uma de suas páginas, assinalando o que necessita ser *passado a limpo*. É quando também começamos a apontar para aquilo que não faz mais sentido, que está ultrapassado, no mundo em que vivemos.

A adolescência carrega em si a essência da rebelião contra o obsoleto e o vencido, contestando os descaminhos da família, da escola e da sociedade. Sem as pessoas adolescentes, o mundo seria um lugar parado no tempo, arrogantemente nostálgico, movido apenas por impulsos retroativos a

cada vez que ocorre um avanço importante. Se não fossem as adolescências mundo afora, as sociedades tenderiam ao conservadorismo, à acomodação, sentadas em seus tronos de podres poderes, repetindo as mesmas velhas certezas.

Na verdade, as pessoas adolescentes nos salvam como pessoas e como sociedade. Desde sempre nos salvaram. É a adolescência que faz o mundo trocar de pele. Sem elas e eles, a história humana seria um antigo castelo de ouro, coberto de pó, sem luz nem brilho, obsoleto, sem ousadias e sem novos talentos. São as novas gerações que colocam instintivamente seu corpo, sua voz e seus sonhos em um movimento visceral pela derrubada da hipocrisia, dos preconceitos, dos retrocessos comportamentais e ideológicos que tornam o mundo um lugar mais morto do que vivo.

Sem a energia motriz da adolescência de cada época, as revoluções não teriam a ousadia e a força necessária para romper as portas conservadoras e abrir novos caminhos. A intuição adolescente anuncia o futuro que o mundo adulto ainda não consegue ver. As mudanças culturais e ideológicas trazidas pelas novas gerações costumam chegar inusitadas, imprevistas, impactando por sua diferenciação. A adolescência tem o dom de oxigenar a vida, é uma fonte vital, é um bem maior também na vida adulta e na velhice. O mundo precisa das tantas e tão diferentes adolescências para se manter vivo, ativo, inovador, atualizado e desperto.

Cada etapa do desenvolvimento equivale a um degrau na escada da vida. Os primeiros degraus — da gestação aos 3 anos — formam o alicerce que sustenta os de cima. Segundo essa metáfora, podemos fantasiar que a adolescência está no sétimo degrau, onde a escada muda de direção e dá acesso à primeira cobertura do prédio. Nesse andar há uma imensa área aberta, onde está o salão de festas, o lugar de encontros, e de onde se pode olhar o mundo de cima. Um lugar cheio de curiosidades e aventuras, e de boas gargalhadas. Certamente também é um lugar com dores, lágrimas, dramas, medos e inseguranças. Mas é, acima de tudo, um lugar vibrante.

Embora a vitalidade humana esteja em seu apogeu, gerando sensações de potência, a adolescência também pode ter períodos de fragilidade emocional, derivada da oscilação neuro-hormonal e de registros sofridos na infância que podem se reatualizar. A vitalidade traz recursos energéticos para

que a pessoa dessa idade faça a travessia. Porém, o acompanhamento familiar afetivo e atento é decisivo, de modo que os temas inconclusos do passado possam vir a ser integrados. Para isso, a sinceridade é o melhor caminho, até porque as pessoas adolescentes têm um *faro fino* para detectar mentiras e manipulações do mundo adulto, o que lhes causa revolta, quebra da confiança e corte do diálogo.

Cada geração manifesta seus desafios existenciais de acordo com os sistemas familiar, escolar e social em que vive. As gerações que se tornaram adolescentes nas primeiras décadas do século 21, por exemplo, estão sendo marcadas por ambientes hiperacelerados e hiperconectados, com pouco tempo para os afetos e o cultivo de vínculos seguros. O vácuo afetivo, que resulta em baixa ativação do sistema límbico e redução de conexão interpessoal, está gerando nas novas gerações experiências de profunda solidão, associada à dependência digital e aos riscos alarmantes do ambiente virtual.

Esta parece ser a maior denúncia das novas gerações: o paradigma de vida da sociedade atual se tornou insustentável nos níveis pessoal, social e planetário. Tornou-se evidente que não é mais possível viver sem a troca de afetos entre as pessoas, sem cuidar da saúde e da vida no planeta e ativando cada vez menos a área límbico-afetiva do cérebro. Outra vez são as pessoas adolescentes que estão impactando o mundo adulto diante dos danos profundos desse modo de vida em seu corpo, em sua mente, em suas dores psíquicas. São elas e eles que sentem a sua potência ameaçada.

Sem o choque e a urgência de suas denúncias, talvez seguissemos em crescente desconexão, mantendo o *status quo* da sociedade do cansaço¹, sem abrir os olhos para o desatino da realidade em que vivemos. A mudança profunda do mundo, em nível tecnológico e comportamental, trouxe consigo a necessidade emergente de tomada de consciência de que somos animais de sangue quente, de que não somos répteis. Ou seja, a saúde e a vida humana dependem dos afetos, do calor dos vínculos, da presença e do contato entre as pessoas. Somos as partes pulsantes e interdependentes que habitam o coletivo global chamado Terra.

¹ Conceito do filósofo Byung-Chul Han que descreve os valores da sociedade atual, a qual induz as pessoas a explorarem a si mesmas em movimentos de desempenho profissional que levam à exaustão total de suas energias, resultando em depressão.

O psicanalista Octave Mannoni (2019, p. 17), em uma análise sobre a crise na adolescência, ressalta este mesmo ponto: o papel decisivo das pessoas adolescentes na transformação social e na evolução do mundo. A adolescência é uma espécie de farol que ilumina o futuro das sociedades, mesmo que o mundo adulto feche os olhos à sua luz.

Todas as sociedades são evolutivas em maior ou menor medida. Naquelas que evoluem rapidamente, a adolescência desempenha um certo papel de forma encoberta: influencia muito tudo o que se manifesta como evolução social. Se tivéssemos um bom conhecimento de como foram as crises da adolescência das pessoas que influenciaram suas épocas, esse conhecimento seria muito útil para compreendermos os efeitos sociais dessas crises.

Por tudo isso, neste livro vamos adentrar o tema da adolescência como um processo vital intenso, que mobiliza profundamente a vida das pessoas dessa idade, mas também a de adultos, famílias e sociedades. Inspirados com o sentido de potência como um bem maior da vida, professado tanto por Wilhelm Reich quanto por Friedrich Nietzsche, Baruch Espinosa, Walt Whitman e tantos mais, queremos abordar a adolescência como uma fase complexa e luminosa. Uma idade única na existência, matriz de oportunidades e riscos, capaz de reconhecer a inteligência da vida e, acima de tudo, de intuir o futuro.

Com este livro, desejamos honrar a adolescência. E marcar aqui um contraponto ao olhar pessimista e estigmatizado que a sociedade tem sobre essa fase. É grave termos chegado a este lugar: o de temer que as nossas crianças cresçam e alcancem os seus 13/14 anos. É grave associarmos a adolescência à patologia, quando cerca de 80% das pessoas dessa idade são saudáveis. Elas estão apenas sendo adolescentes, vivendo seus grandes desafios, tentando intuir o futuro, buscando finalizar a sua troca de pele e se tornar adultas.

Por outro lado, neste momento histórico, é inspirador constatar o empenho genuíno de muitas pessoas adultas que estão *se virando do avesso* para entender os novos códigos geracionais. Da diversidade sexual e a não monogamia às novas formas de lidar com o trabalho, as redes sociais e o universo virtual, o mundo está mudando. Essa transformação radical vem sendo ges-

tada e sustentada por adolescentes e jovens, navegantes virtuais que transitam com destreza pelas novas tecnologias.

Para suas mães e seus pais, não tem sido fácil navegar por essas águas desconhecidas levando crianças e adolescentes a bordo sem conseguir enxergar a outra margem do rio. Como pessoas nascidas no século passado, marcado pelo humanismo, o processamento de tamanha mudança tecnológica e cultural, em altíssima velocidade, equivale a uma espécie de atropelamento cognitivo, emocional e ético. As famílias têm sentido dificuldade de saber se filhas e filhos estão em segurança — mesmo estando em casa, no quarto ao lado, navegando nas redes sociais.

Em geral, hoje em dia, mães e pais não sabem decifrar os códigos secretos da comunicação virtual entre adolescentes. Com isso, o acompanhamento familiar se torna mais difícil. Sem que as famílias percebam, um grande número de crianças e adolescentes está habitando o pior dos mundos na virtualidade. A situação se torna preocupante quando as pessoas adultas não sabem mais como se aproximar de filhas e filhos, quando as portas dos quartos ficam dia e noite fechadas, quando não há mais conexão nem comunicação.

Nesse sentido, rabiscamos nestas páginas alguns contornos temáticos que talvez possam ilustrar rodas de conversas, pequenas assembleias familiares ou escolares e, em especial, os encontros íntimos na mesa da cozinha. Conscientizar adolescentes sobre o processo psicofisiológico que ativa o corpo, os pensamentos e as emoções é um caminho promissor, em prol do desenvolvimento da autorregulação e da autorresponsabilização. Assim como conscientizar mães, pais, educadores e profissionais da saúde sobre a potência e a vulnerabilidade desta fase é essencial para a prevenção biopsicológica na adolescência.

Acreditamos que a conexão entre gerações é fundamental nessa caminhada. Para que adolescentes, mães e pais vivam essa fase de forma viva, saudável e madura, parece ser necessário o resgate da boa comunicação e o cultivo de uma parceria afetiva. Porém, sempre com o diferencial do respeito à privacidade. Para as pessoas adolescentes, é natural e necessária uma certa separação psicológica da mãe e do pai, para que consigam atravessar a fronteira da infância. Mas, ao mesmo tempo, é fulcral que a

pessoa dessa idade se sinta apoiada nesse processo de individuação. Para amadurecer, é preciso sair da dependência emocional infantil. A busca explícita de se separar do estado fusional com a família marca, de fato, a entrada na adolescência.

Compreender e ser compreendido significa habitar a subjetividade humana, mensurando o que necessita ser transformado e o que precisa ser preservado. Aprender o idioma adolescente passa por isso. Também por um certo conhecimento do alfabeto das emoções, dos traços de caráter vindos da infância, da dinâmica biopsicológica da fase, do universo cultural e social em que vivemos. Saber um pouco da crise de identidade adolescente muitas vezes abre portas trancadas e reduz o abismo entre as gerações. A solidão e o sofrimento psíquico que habitam os quartos das novas gerações não podem mais ser ignorados pelo mundo adulto. E também não conseguem mais ser suportados por quem é criança ou adolescente nos dias atuais.

Foi assim que escrevemos este livro — de forma artesanal, letra por letra, pesquisa por pesquisa, sentindo o pulsar de cada palavra que nasce e dá sentido ao texto. Até mesmo em tempos com tecnologias digitais tão arrojadas e atrativas, a conexão humana precisa de tempo, de olho no olho, de pele com pele, do calor do corpo, do arrepio na pele, das sensações e das emoções. Foi por escolha — por uma necessidade íntima de contato ao parir cada frase —, mas também pelo prazer da conexão que escrevemos este livro assim. São sete partes, com subdivisões internas: esta introdução e mais seis capítulos. Focamos em grandes temas, que nos parecem estar entre os principais da adolescência atual.

A alma deste livro é reichiana, inspirada no projeto de prevenção das neuroses de Wilhelm Reich, que teve início há exatos 100 anos, na Áustria. Já o corpo escrito é uma amálgama de visões, pesquisas, pessoas, linguagens e experiências, maturada pelo tempo. A linha vermelha que costura todas as suas páginas é a confiança na intuição adolescente. Essa que sente, antecipa e denuncia os descaminhos do mundo, mesmo quando ninguém a compreende.

No capítulo 1, “A idade da potência”, descrevemos o que acontece com o corpo, as emoções e o cérebro a partir da radical transformação neuro-hormonal e cerebral da adolescência. Em “O primado da dopamina”,

abordamos a intensidade própria da adolescência, os mecanismos de compensação dopaminérgica e os riscos associados. Também descrevemos brevemente as três subfases adolescentes e o desenvolvimento cerebral em cada uma delas.

No capítulo 2, “Identidade em construção”, detalhamos um importante mapeamento da crise normativa da adolescência, relacionada à resolução da identidade e a suas escolhas. Refletimos sobre o ideal de identidade fluida das novas gerações e detalhamos o tripé da identidade e seus engajamentos nas áreas profissional, interpessoal e ideológica. E, também, os quatro *status* que facilitam ou dificultam o processo de assunção da singularidade. Em “Nem tudo é da adolescência”, revisamos os sinais da infância que aparecem nessa idade, relacionando fases evolutivas, traços de caráter e caminhos de reparação.

No capítulo 3, “Um novo deus virtual”, tratamos do impacto do mundo virtual na infância, puberdade e adolescência. Tomamos como amostra os resultados de diversificadas pesquisas sobre o adoecimento mental da geração Z², a primeira a entrar na puberdade conectada às redes sociais e aos *smartphones*, sem que se soubesse dos riscos aditivos da hiperconectividade. No tópico “No silêncio do quarto ao lado”, refletimos sobre a solidão familiar e os riscos silenciosos do acesso livre e precoce de crianças e adolescentes ao mundo virtual. O capítulo se completa com “A inteligência artificial no divã do analista”, que aponta a estratégia psicológica usada pelo ChatGPT em sua interação com humanos.

O capítulo 4, “Sexualidades e gêneros”, está dividido em duas partes. Na primeira, apresentamos uma síntese sobre a diversidade sexual e relacional, as bandeiras da revolução sexual deste início de milênio. Além de ser inclusiva, a diversidade é também uma ferramenta de autodescoberta no processo de identificação de gênero e orientação sexual. Na segunda parte, abordamos a sexualidade profunda nos caminhos de Wilhelm Reich, focalizando as matrizes formadoras, ou não, de nossa capacidade de entrega e de amar. E, sobretudo, a urgência da recuperação do contato, do pele a pele, da

² Neste livro, adotaremos a seguinte nomenclatura, já consagrada: geração X – pessoas nascidas entre 1965 e 1980; geração Y – pessoas nascidas entre 1981 e 1995; geração Z – pessoas nascidas entre 1996 e 2012.

presença e do calor humano na restauração da saúde física e psicológica das novas gerações.

No capítulo 5, “Sonhar a adolescência”, refletimos sobre propostas educativas diferenciadas, sonhadas e realizadas, cujo foco é o autoconhecimento e o desenvolvimento da espontaneidade e da subjetividade adolescente. Trata-se de trabalhos voltados para o cultivo das relações humanas e a valorização das virtudes da adolescência também na fase adulta e na velhice.

Já o capítulo 6, intitulado “A delicada pele do futuro”, apresenta as reflexões finais sobre os desafios e os direitos das novas gerações que em breve assumirão a direção do mundo. Temas complementares, com o olhar refinado dos cinco especialistas entrevistados para este livro: novos modelos de famílias, falta de espaço para o adolescente ser e viver, trânsitos pós-humanistas e a esperança de uma profunda transformação futura.

Com este livro, desejamos contribuir para uma maior abertura do mundo adulto à beleza, ao viço e à potência adolescente. Por meio do cultivo de conexão e diálogo, as pessoas dessa idade se sentem apoiadas para atravessar essa etapa decisiva rumo à vida adulta. Como disse o psicanalista Daniel Siegel (2014), a adolescência não é um tempo para ser transposto rapidamente. É um tempo para ser vivido e desfrutado por filhas e filhos, mas também pela família.

Esta obra, além de estar focada na potência, traz também um alerta sobre os riscos de solidão, sofrimento psíquico e adoecimento mental das novas gerações, causados pela redução de vínculos afetivos seguros, pelo encolhimento das relações humanas e pela exposição precoce e excessiva ao mundo virtual. Mas, principalmente, sublinha o valor inestimável da intuição futurista que se manifesta durante a adolescência.